



A Crónica do Fogo — Quando a Floresta Arde e o Regime Faz Negócio

Publicado em 2026-05-16 17:45:48



BOX DE FACTOS

- O DCIAP/Ministério Público anunciou em 2025 a Operação “Torre de Controlo”, investigando factos susceptíveis de configurar burla qualificada, fraude fiscal qualificada, tráfico de influência, corrupção activa e passiva, abuso de poder e associação criminosa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

relacionadas com concursos públicos para meios aéreos de combate aos incêndios.

- A Renascença noticiou suspeitas de acesso a informação privilegiada e eventual concertação em concursos públicos ligados ao aluguer, operação, manutenção e gestão de helicópteros dedicados ao combate aos fogos rurais.
- A RTP exibiu em 2017 as reportagens “Negócios do Fogo” e “Indústria do Fogo”, mostrando que as suspeitas sobre interesses económicos no universo dos incêndios não são novas.
- O Tribunal de Contas concluiu, em 2021, que várias medidas de prevenção e combate aos incêndios decididas depois de 2017 ainda não estavam completamente concretizadas.
- A AGIF assinalou, em relatório sobre meios aéreos, a necessidade de investigação de longo prazo para avaliar a eficiência e eficácia dos meios aéreos no combate face ao investimento realizado.
- O ICNF mantém informação oficial sobre ocorrências e áreas ardidas, demonstrando que os

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

investigações judiciais beneficiam da presunção de inocência até decisão judicial definitiva.

A Crónica do Fogo

Quando a floresta arde e o regime faz negócio

Portugal não tem apenas incêndios florestais. Tem incêndios institucionais. E esses, infelizmente, não se apagam com helicópteros.

Há países que aprendem com as tragédias. Portugal, com o seu génio melancólico para a repetição, prefere muitas vezes arquivá-las em relatórios, discursos, comissões, promessas e cerimónias de circunstância. Depois chega o Verão, regressa o cheiro a fumo, regressam os helicópteros, regressam os directos televisivos, regressam as aldeias cercadas pelas chamas, regressam os bombeiros exaustos, regressam os ministros de colete no terreno e regressa a pergunta que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

novas buscas e novos desenvolvimentos, não nasce num vazio histórico. Não é uma novidade caída do céu, como uma faúlha vadia. É mais um episódio de uma novela antiga, repetida há décadas, sobre os negócios à volta dos incêndios, dos meios aéreos, da emergência pública, dos contratos do Estado e da estranha capacidade portuguesa de transformar a catástrofe em mercado.

Naturalmente, convém deixar claro o princípio elementar de qualquer Estado de Direito: os arguidos são arguidos, não culpados. Suspeitas não são condenações. Investigações não são sentenças. Mas também convém dizer outra coisa, com igual clareza: a presunção de inocência das pessoas não obriga à ingenuidade da sociedade. Um povo tem o direito de reconhecer padrões, de exigir transparência, de perguntar por que razão certos sectores públicos parecem viver eternamente rodeados de interesses privados, intermediários, concursos opacos e coincidências convenientes.

O velho negócio vestido de emergência

A emergência é um território perigoso para a democracia. Quando tudo arde, quando há vidas em risco, quando aldeias são evacuadas e bombeiros avançam para linhas de fogo, o escrutínio tende a recuar. A urgência passa a justificar tudo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E é precisamente nesse terreno, entre a necessidade legítima e a pressa administrativa, que floresce o risco da captura. A emergência pode ser usada como escudo moral para negócios mal explicados. O medo colectivo pode transformar-se em argumento contratual. A floresta em chamas pode servir de palco para operações onde o interesse público é invocado em voz alta, enquanto outros interesses se movimentam em silêncio.

O país sabe isto há muito tempo. Não o descobriu em 2026. Já em 2017 a RTP transmitia reportagens como **“Negócios do Fogo”** e **“Indústria do Fogo”**, trazendo para o espaço público suspeitas, circuitos e práticas que mostravam como o universo dos incêndios podia ser também uma economia paralela de fornecimentos, equipamentos, relações de poder e oportunidades privadas.

O problema não é apenas que tais reportagens tenham existido. O problema é que, tantos anos depois, ainda pareçam actuais. Como se Portugal vivesse condenado a uma espécie de repetição litúrgica: denúncia, indignação, esquecimento, nova denúncia, nova indignação, novo esquecimento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

primeira linha as suspeitas em torno da contratação de meios aéreos para o combate aos incêndios rurais. Segundo informação pública do DCIAP, investigam-se factos susceptíveis de configurar crimes graves, incluindo corrupção activa e passiva, tráfico de influência, abuso de poder, burla qualificada, fraude fiscal qualificada e associação criminosa.

A segunda fase da operação, em Maio de 2026, voltou a lançar luz sobre concursos públicos ligados a helicópteros e outros meios aéreos. A Renascença noticiou suspeitas de acesso a informação privilegiada e de eventual concertação de propostas desde 2022. A RTP noticiou buscas e constituição de arguidos. Outros órgãos de comunicação social referiram que a investigação envolve concursos de elevado valor no âmbito do combate aos incêndios rurais.

A confirmar-se judicialmente matéria criminal, estaríamos perante algo mais grave do que simples irregularidade administrativa. Estaríamos perante a possibilidade de a protecção das populações ter sido contaminada por esquemas de favorecimento. E quando até o combate aos incêndios pode ser atravessado por suspeitas de corrupção, então já não arde apenas o mato. Arde a confiança pública.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

informação privilegiada ou favores de gabinete.

A prevenção que nunca chega a tempo

Portugal fala todos os anos de prevenção. Fala antes do Verão, depois do Verão, durante as comissões parlamentares, nos relatórios técnicos, nos discursos ministeriais e nas entrevistas de balanço. A prevenção é a palavra mais repetida e talvez a menos respeitada da política florestal portuguesa.

Depois de 2017, ano marcado pelas tragédias de Pedrógão Grande e dos incêndios de Outubro, o país jurou mudar. Criaram-se estruturas, reorganizaram-se sistemas, escreveram-se documentos, fizeram-se diagnósticos e multiplicaram-se promessas. Mas o Tribunal de Contas veio assinalar, em 2021, que várias medidas decididas nesse contexto ainda não estavam completamente concretizadas.

Esta é a ferida: Portugal sabe o que deve fazer, mas tropeça sempre na execução. Sabe que é preciso gestão de combustível. Sabe que é preciso ordenamento do território. Sabe que é preciso mosaico agrícola e florestal. Sabe que é preciso valorização do interior. Sabe que é preciso cadastro, fiscalização, caminhos, água, proximidade, população, vigilância, ciência e continuidade. Sabe quase tudo. Faz tarde, pouco, fragmentado ou mal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

inteligência, persistência e coragem administrativa. Talvez por isso Portugal prefira, demasiadas vezes, pagar caro na emergência aquilo que não quis pagar com seriedade na prevenção.

O país que arde duas vezes

A floresta portuguesa arde primeiro no território. Arde nas encostas, nos pinhais, nos eucaliptais, nos matos abandonados, nas aldeias envelhecidas, nas bermas esquecidas, nos caminhos sem manutenção e nos montes onde já quase ninguém vive.

Mas arde uma segunda vez nos gabinetes. Arde quando a prevenção é adiada. Arde quando os concursos públicos não são suficientemente transparentes. Arde quando os contratos parecem mais importantes do que o planeamento. Arde quando o interior é lembrado apenas em Agosto. Arde quando a burocracia é pesada para o cidadão comum, mas curiosamente ágil para certos negócios. Arde quando a política responde à tragédia com frases solenes e ao sistema com pequenas cautelas.

Há um fogo físico e há um fogo moral. O primeiro queima árvores. O segundo queima confiança. O primeiro deixa cinzas no chão. O segundo deixa cinzas na República.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

comunicações, aeronaves, manutenção, logística, formação, vigilância e coordenação não existem por milagre. Um Estado responsável deve investir na protecção de pessoas e bens.

Mas há uma diferença essencial entre investir na segurança colectiva e permitir que a catástrofe se transforme em modelo económico permanente. Uma coisa é contratar meios necessários, com transparência, concorrência real, avaliação técnica e escrutínio público. Outra coisa é criar um ecossistema onde cada Verão justifica mais contratos, mais urgência, mais dependência, mais remendos e mais oportunidades para quem vive da resposta tardia.

Quando a prevenção falha, o combate cresce. Quando o combate cresce, os contratos aumentam. Quando os contratos aumentam, os interesses aproximam-se. Quando os interesses se aproximam, a transparência tem de ser absoluta. Se não for, a democracia começa a cheirar a fumo.

A pergunta incómoda é esta: quantas economias privadas foram construídas sobre a incapacidade pública de prevenir? Quantos negócios prosperaram porque o Estado português é fraco no território, lento na reforma, dependente na emergência e generoso no imprevisto?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Atingem sobretudo o interior envelhecido, abandonado, despovoado, desvalorizado e tratado durante décadas como reserva sentimental para discursos de campanha.

As aldeias ardem porque foram deixadas sozinhas. Os campos ardem porque a agricultura recuou. Os montes ardem porque o território perdeu gente. As florestas ardem porque se permitiu uma paisagem vulnerável, contínua, pouco gerida e muitas vezes dominada por espécies e modelos económicos que aumentam o risco.

Depois, quando chega a tragédia, descem sobre o interior helicópteros, câmaras de televisão, ministros, promessas e especialistas. Passada a época crítica, volta o silêncio. O país urbano regressa aos seus centros comerciais, aos seus debates televisivos e às suas agendas de gabinete. O interior fica com as árvores queimadas, os muros negros, os animais mortos, os idosos assustados e a memória de mais uma visita oficial.

Portugal trata o interior como cenário. Mas o interior é país. E nenhum país decente pode aceitar que as suas aldeias sejam lembradas apenas quando ardem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

naturais ou acidentes trágicos. Foram avisos brutais sobre a fragilidade do sistema, a descoordenação, a vulnerabilidade do território, a acumulação de combustível, a ocupação desordenada e a falência de respostas em condições extremas.

A Comissão Técnica Independente analisou esses acontecimentos e produziu relatórios que deviam continuar a ser leitura obrigatória para qualquer responsável público que use a palavra “prevenção”. Não para a citar em conferências. Para a cumprir.

Mas Portugal tem uma relação estranha com os relatórios. Lê-os no dia em que saem, comenta-os durante uma semana, enterra-os numa prateleira e depois admira-se quando a realidade regressa para cobrar juros.

Um país que esquece Pedrógão Grande está condenado a discutir helicópteros. Um país que aprende com Pedrógão Grande discute território, floresta, aldeias, ordenamento, prevenção, responsabilidade e futuro.

A pergunta que nunca arde

Todos os anos há uma pergunta que sobrevive ao fogo: **por que razão Portugal continua a tratar os incêndios**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A meteorologia explica muito. As alterações climáticas agravam muito. A seca, o vento, as temperaturas extremas e a irregularidade climática tornam tudo mais difícil. Mas não explicam tudo. A natureza acende condições. O sistema decide vulnerabilidades.

Um território abandonado arde melhor. Uma floresta mal gerida arde melhor. Uma prevenção adiada arde melhor. Um Estado capturado por interesses arde melhor. Uma contratação opaca arde melhor. Uma democracia distraída arde melhor.

O fogo precisa de combustível. E em Portugal, infelizmente, há muito combustível institucional.

O que deveria mudar

A resposta não pode ser apenas mais uma operação policial, mais uma comissão, mais uma promessa ou mais uma conferência sobre resiliência. É preciso uma mudança estrutural e verificável.

Primeiro: transparência total nos contratos de meios aéreos e terrestres, com publicação clara de valores, critérios, concorrentes, adjudicações, pareceres técnicos e avaliação independente de desempenho.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Terceiro: reforço real da prevenção, com metas públicas, calendários, responsáveis identificados e consequências políticas quando as medidas ficam por cumprir.

Quarto: avaliação séria da relação custo-benefício dos meios aéreos, como a própria AGIF assinalou, para que o país saiba o que compra, por que compra, quanto paga e que eficácia obtém.

Quinto: protecção do interior como prioridade nacional, não como cenário emocional de campanha.

Sexto: combate duro à corrupção e à concertação em contratos públicos, com recuperação dos prejuízos causados ao Estado sempre que haja condenação e prova patrimonial.

O povo não precisa de vingança. Precisa de Estado. Não precisa de teatro judicial. Precisa de consequência. Não precisa de discursos inflamados. Precisa que a floresta deixe de ser saqueada antes, durante e depois de arder.

Conclusão — quando arde a República

A crónica do fogo em Portugal é uma crónica de árvores, cinzas, aviões, bombeiros, aldeias e sirenes. Mas é também uma crónica de poder, contratos, negligência, interesses, esquecimento e impunidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

usada como oportunidade privada.

E mesmo que algumas suspeitas não se confirmem, permanece a questão estrutural: por que razão o sistema dos incêndios continua, década após década, rodeado de opacidade, dependência, contratos de alto valor e prevenção insuficiente?

Portugal não precisa apenas de apagar fogos. Precisa de apagar o modelo que vive deles.

Porque quando um país permite que a catástrofe se transforme em negócio, quando a prevenção é adiada e o combate se torna mercado, quando as aldeias ardem e os gabinetes fazem contas, então já não estamos perante uma fatalidade climática.

Estamos perante uma doença da República.

E essa, amigo leitor, não se apaga com água. Apaga-se com memória, justiça, transparência e coragem.

Nota editorial

*Em **Fragmentos do Caos**, recusamos a ideia de que os incêndios em Portugal possam ser tratados apenas*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de calor e alterações profundas no regime do fogo. Mas há também abandono, incompetência, interesses, contratos, decisões políticas, ausência de fiscalização e uma cultura institucional que demasiadas vezes chega tarde, promete muito e executa pouco.

O fogo que nos preocupa não é apenas o que consome pinheiros, eucaliptos, matos, casas e vidas. É também o fogo invisível que consome a confiança dos cidadãos quando a emergência pública parece transformar-se em campo fértil para negócios privados.

*E nós, em **Fragmentos do Caos**, existimos precisamente para que a memória não continue a ser nevoeiro. Para que o país não se habitue à repetição da tragédia. Para que cada incêndio institucional seja chamado pelo seu nome, antes que as cinzas tapem novamente as pegadas.*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Controlo”

<https://dciap.ministeriopublico.pt/destaque/operacao-torre-de-controlo>

- Renascença — “Investigação a meios aéreos de combate a incêndios. O que está em causa?”

<https://rr.pt/artigo/explicador-renascenca/2026/05/14/investigacao-a-meios-aereos-de-combate-a-incendios-o-que-esta-em-causa/470807/>

- Renascença — “Quatro arguidos por suspeitas de corrupção no combate a incêndios”

<https://rr.pt/noticia/pais/2026/05/14/quatro-arguidos-por-suspeitas-de-corrupcao-no-combate-a-incendios/470787/>

- RTP — “Operação Torre de Controlo. Ricardo Leitão Machado constituído arguido”

https://www.rtp.pt/noticias/pais/operacao-torre-de-controlo-ricardo-leitao-machado-constituído-arguido_n1741186

- DN — “Cunhado do ministro da Presidência visado em buscas da PJ”

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

concursos publicos para combate a incendios

<https://eco.sapo.pt/2026/05/14/pj-faz-novas-buscas-relacionadas-com-concursos-publicos-para-combate-a-incendios/>

- RTP — “Negócios do Fogo”, Sexta às 9, 2017

<https://www.rtp.pt/programa/tv/p33867/e30>

- RTP Play — “Indústria do Fogo”, Sexta às 9, 2017

<https://www.rtp.pt/play/p3138/e316570/sexta-as-9>

- Tribunal de Contas — Auditoria ao Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Rurais

<https://www.tcontas.pt/pt-pt/ProdutosTC/Relatorios/RelatoriosAuditoria/Documents/2021/relo04-2021-2s.pdf>

- Tribunal de Contas — Nota de imprensa sobre auditoria ao DECIR

https://www.tcontas.pt/pt-pt/MenuSecundario/comunicados-de-imprensa/Documents/2021/ni_20210422-01.pdf

- AGIF — Relatório sobre meios aéreos

<https://www.agif.pt/pt/relatorio-sobre-meios-aereos-ja-se-encontra-disponivel-para-consulta>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

[girgestaoinformacao/grirelatorios/](#)

[areasardidaseocorrencias](#)

- Comissão Técnica Independente / SGIFR —

Avaliação dos incêndios de 14 a 16 de Outubro de 2017

<https://www.sgifr.gov.pt/w/>

[avalia%C3%A7%C3%A3o-dos-inc%C3%AAndios-ocorridos-entre-14-e-16-de-outubro-de-2017-em-portugal-continental.-relat%C3%B3rio-final](#)

Fragmentos do Caos

Crónica de Francisco Gonçalves, com apoio editorial de **Augustus Veritas**.

Porque há fogos que começam na floresta — e outros que começam nos gabinetes.



Ler o eBook: Portugal em Chamas



GitHub Pages



CodeBerg Pages

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.